

**YUN CASALILLA, Bartolomé (2021). *Os Impérios Ibéricos e a globalização da Europa (séculos XV a XVII)*. Lisboa: Temas e Debates, Círculo de Leitores, 472 pp., ISBN: 9789896446406.**

Bartolomé Yun Casalilla é professor catedrático de história moderna na Universidade Pablo de Olavide de Sevilha. Foi professor no Instituto Universitário Europeu de Florença, de 2003 a 2013, onde lecionou História Transnacional e Comparada, um dos seus principais objetos de estudo. Na sua bibliografia destacam-se as obras *The Rise of Fiscal States. A Global History* (2012); *Global Goods and the Spanish Empire, 1492-1824* (2014).

Este trabalho apresenta-se como um estudo comparativo em torno dos dois impérios ibéricos, Portugal e Espanha numa cronologia compreendida entre os séculos XV a XVII, durante a qual, a partir de 1580, Portugal e Espanha vão ter o mesmo rei, tornando-se um dos maiores impérios compósitos da história. O estudo é realizado em comparação com a realidade europeia e extraeuropeia, inserindo os dois impérios numa macro comparação com o intuito de responder à questão fundamental desta investigação – eram Portugal e Espanha economias semiperiféricas?

Este livro tem por base um outro do mesmo autor: *Iberian World Empires and the Globalization of Europe, 1415-1668*, publicado em 2019, ao qual o historiador espanhol acrescenta a história do império português ao *mosaico ibérico* (p. 9) anteriormente estudado.

Os oito capítulos que compõem a obra estão repartidos em três partes: “Os povos ibéricos e a globalização”, “Monarquias compósitas e instituições” e “Impérios compósitos e globalização”.

A primeira parte é dividida por três capítulos onde o historiador procurou fazer a arqueologia do expansionismo ibérico sem recorrer à noção de que tivesse ocorrido um excecionalismo histórico. No primeiro capítulo aponta a expansão que as elites europeias procuravam e de que formas afetavam as redes sociais, procurando ainda compreender como os processos transculturais que existiram na Península Ibérica com a convivência de muçulmanos, judeus e cristãos permitiram um desenvolvimento nos conhecimentos que proporcionaram condições para a empreitada das descobertas.

No segundo capítulo, Bartolomé Yun Casalilla aborda a questão do impacto da destruição dos ecossistemas, que levaram a uma quebra demográfica bastante significativa dos povos conquistados no continente americano. Neste capítulo, o autor aborda ainda, de forma breve, o papel dos portugueses na Ásia, região com muitos polos de globalização económica.

No terceiro capítulo desmistifica a historiografia que considerava as economias ibéricas como semiperiféricas, destacando os avanços importantes propiciados pelos povos ibéricos e a evolução demográfica nos centros urbanos, que conheceram algum crescimento motivado por migrações além dos novos direitos de propriedade.

Na segunda parte, igualmente dividida por três capítulos, o autor enquadra as monarquias compósitas e as várias instituições modernas no amplo quadro da globalização. No capítulo quatro, o autor foca a formação do império dos Habsburgo disperso pela Europa Central e Ocidental, constituindo uma das maiores monarquias compósitas na História, resultando que nele existiam tensões militares e sociais provocadas, sobretudo, pelos conflitos religiosos e com o Império Otomano. Este era um dos principais inimigos da cristandade, e constituía um problema nos contactos económicos no continente asiático e na região do Mediterrâneo.

No capítulo cinco, Yun Casalilla começa por desconstruir os estereótipos das economias ibéricas com a comparação de outras realidades europeias. Neste capítulo apresenta um breve estudo sobre instituições da época como os senhorios e os municípios, que afetavam diretamente o comércio. A formação de advogados e juristas associada à compilação de normas jurídicas criaria uma variedade de atores que exerciam direito, como os tribunais do rei, os tribunais eclesiásticos e os consolados mercantis, que tinham mecanismos próprios de justiça. O autor destaca ainda a influência exercida pela corte nas decisões do reino e explica de que forma as relações familiares e clientelares criaram vínculos informais de influência social.

No capítulo seis examina-se a importância da religião na estabilidade política, na economia e na amortização das tensões das elites; os impactos da Reforma Protestante e os conflitos religiosos que daí resultaram, com a resposta da Igreja no Concílio de Trento (1545-1563) – a Contrarreforma.

A presença de redes mercantis, a aceleração de processos migratórios para as colónias, a difusão crescente da imprensa e a revolução da indústria náutica facilitaram a circulação de informações e conhecimentos a uma maior velocidade, tornando-se *agentes de globalização e integração*.

A exportação dos produtos americanos, asiáticos e africanos resultaria numa crescente integração económica internacional que desencadearia a concorrência entre os países europeus. A procura de produtos de luxo e militar resultaria numa rápida reação positiva das indústrias urbanas, de que uma das consequências foi um aumento da população.

Os dois capítulos seguintes integram a terceira parte, intitulada “Impérios compósitos e globalização”. Aí se examina o sistema complexo que se criou

com a união das coroas ibéricas, a sua relação com o processo de globalização e os motivos que levaram à sua rutura em 1640.

No capítulo sete, o autor explica a união das coroas ibéricas, os seus pontos de ligação e os de independência de Portugal face a Espanha. Neste capítulo, explora as relações de indivíduos entre continentes e as dificuldades nas comunicações, dando exemplos de emigrantes que, através de cartas, exprimiam o sentimento de isolamento de respostas que podiam demorar mais de um ano a chegar (p. 302). Aborda ainda os circuitos regionais de comércio nos vários continentes, bem como a pressão crescente de outras potências, europeias e extraeuropeias, nas rotas portuguesas. Na primeira metade do século XVII os holandeses conseguiram tornar-se na maior potência europeia na Ásia. A partir de 1630 as investidas inglesas e holandesas não parariam de aumentar.

No capítulo 8, exploram-se as razões que levaram à rutura do império composto, posto à prova pela guerra e com a pressão crescente da Inglaterra e da Holanda nas colónias Luso-espanholas. Yun Casalilla explica que, as tensões das elites urbanas e da alta nobreza escalaram de intensidade com a criação da União das Armas, provocando crises na Catalunha e nas colónias americanas, levando à restauração da autonomia política plena de Portugal.

O autor termina a obra com um epílogo intitulado “Impérios falhados?”. Esta pergunta, um pouco provocadora, vai ao encontro do objetivo inicial deste livro que é contestar os comentários negativos de que ambos os impérios foram alvo por vários historiadores.

Ao longo da obra, o autor procurou enquadrar os sistemas imperiais ibéricos e a sociedade numa perspetiva mais ampla e comparada com outros reinos europeus e transcontinentais, revelando a diversidade de escalas desses impérios e os impactos globais económicos, sociais, religiosos, militares que tiveram nas sociedades ibéricas.

Usando abordagens caras à história global, incluindo a história comparada, Yun Casalilla confronta os dois impérios ibéricos, situando-os com precisão dentro dos contextos sistémicos em que um e outro se relacionaram e nos quais responderam de diferentes formas.

Sebastian Conrad, no seu livro *O que é a história global?* (2019), apresenta como vantagens da história comparada pôr em prática estratégias de investigação com perguntas e problemáticas que permitem ir além dos casos específicos, e estudar as redes, trocas e conexões a uma escala global.

Este tipo de produção historiográfica também apresenta alguns problemas, como por exemplo homogeneizar os casos em análise. Nesta obra, Bartolomé Yun Casalilla parece ter em atenção os alertas de Conrad. Apesar

de terem existido casos em que as realidades ibéricas estavam “homogeneizadas”, isto era fruto da realidade económico-social que, à época as mesmas atravessavam. No capítulo 8 Yun Casalilla apresenta vários exemplos em que essa homogeneidade deixa de existir (p. 386).

Nesta obra os reinos ibéricos são apresentados numa macro comparação extraeuropeia, salientando-se as diferenças e semelhanças com outras nações europeias sem cair em perspetivas revisionistas.

Apesar de o livro ter uma tónica sobretudo na Europa, e sobre o impacto das sociedades europeias nos outros continentes, Bartolomé Yun Casalilla descarta a interpretação de ser uma perspetiva eurocêntrica (p. 306), ao colocar múltiplas vezes a sua perspetiva sobre as colónias americanas, sobre as rotas internas asiáticas, africanas e americanas e sobre a importância escassa do mercado europeu no comércio asiático (p. 320-321).

Outro dos pontos a destacar é o papel que Yun Casalilla dá à história ambiental e dos ecossistemas e os seus impactos sociais e económicos (p. 72; p. 383; p. 391). Num mundo em que as questões ambientais são prementes, cabe também aos historiadores explicarem como se chegou à situação que hoje se vive.

O livro, como já foi dito, utilizando a história comparada, visou desmistificar o estereótipo segundo o qual as economias ibéricas eram atrasadas. As qualidades científicas da obra não ficam em questão. É notória a preocupação em explicar o tema através de uma argumentação cuidada e fundamentada com recurso a bibliografia relevante para o estudo desta temática.

Apesar de ter uma linguagem acessível para um público geral, os leitores devem ter alguns conhecimentos prévios em economia da época moderna. Poderia, por isso, ser útil um glossário para facilitar a compreensão de alguns conceitos. Mas decerto que se trata de uma obra que servirá de referência para qualquer modernista que se dedique à história económica dos impérios ibéricos.

LUÍS CLAUDINO

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

luismiguelclaudino@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8909-4394>